

Editorial Dossiê

Cinema, Mídia e Tecnologia: narrativas e linguagens nas paisagens digitais

O presente dossiê tem por objetivo discutir as relações entre tecnologia, mídia e narrativas audiovisuais, com ênfase no caráter formativo do Cinema. A urgência do tema é clara. Com o confinamento durante a pandemia do Covid-19 – seja ele austero como deveria ou flexível como acabou sendo – nossa atenção se voltou para o círculo restrito das nossas casas e apartamentos. A vida urbana contemporânea, entretanto, presta pouca atenção às rotinas domésticas, preferindo muito mais organizar nosso tempo em função da mobilidade, do ir e vir à procura de trabalho, serviços e entretenimento. Subitamente, nos percebemos passando mais tempo e estando mais presentes em nosso ambiente doméstico, ocupados com rotinas que muitas vezes terceirizávamos. Trabalhando remotamente e com mais tempo para interagir com a casa, experimentamos uma sensação de esgotamento, angústia e claustro que encontra algum alívio na arte e no consumo do entretenimento, dentre eles as narrativas audiovisuais têm certa prevalência em função da sua capacidade de se adaptar à infinidade de dispositivos que povoam esses espaços.

Acreditamos que esta relação de consumo e também de reflexão com os conteúdos audiovisuais compõem uma paisagem. O conceito vem da geografia, mas sua etimologia pode ser rastreada à expressão alemã *Landschaften*. A palavra é composta por dois elementos. O substantivo *Land* (território, terra, campo aberto) e o sufixo ‘*schaft*’ que pode significar, associado ao substantivo, ‘traço’ ou ‘concepção’. Neste sentido, pode-se interpretar *Landschaft* como “o traço que cria o território” e, deste modo, como paisagem. Esta interpretação ressalta os aspectos simbólicos da ideia de paisagem, mas também a necessária contribuição da subjetividade em sua composição. Não apenas os contornos dos morros ou dos edifícios que vemos, isolados, através das janelas das nossas casas/claustros, mas também a sucessão de frames que nos vem pelas telas dos computadores, na interação com os dispositivos, no *streaming* dos celulares. Tais narrativas audiovisuais compõem esta paisagem digital para a qual fomos

obrigados a migrar e só existem com o aporte da nossa intencionalidade significativa, nossa percepção estética e afetiva. O traço que delinea estas relações e forma a paisagem na qual nos encontramos é o objeto mais amplo deste dossiê.

Identificamos, portanto, três claros referenciais. A linguagem cinematográfica que funciona como sintaxe universal para a produção e consumos de informação nesta paisagem; os dispositivos midiáticos nos quais esta linguagem opera e, de modo nada trivial, é alterada e tensionada pela tecnologia; e a própria tecnologia enquanto catalisador das mudanças em seus diferentes níveis.

No que diz respeito às tecnologias, em particular as digitais mantidas por processos algorítmicos, elas são a matéria prima e o catalisador para a construção e a expansão desses novos espaços. Como exemplo, as tecnologias de geração de imagens e vídeos, cada vez mais avançadas e repletas de recursos, empoderam os profissionais de criação de conteúdos imagéticos, permitindo-os realizar produções que, em épocas ainda recentes, não seriam possíveis sem demandar habilidades, investimentos financeiros e tempo consideráveis. Os landscapes digitais representam também oportunidades econômicas a serem exploradas, e isso vem motivando a formação de novos criadores e distribuidores de conteúdo, bem como o aparecimento de novos públicos que rompem os limites geográficos e se caracterizam pela similaridade de gostos e de interesses. No presente dossiê, destacamos trabalhos que acompanham o uso crescente das tecnologias nas produções audiovisuais, como uma pesquisa que investiga a evolução das aberturas dos jogos olímpicos.

Por outro lado, as ferramentas tecnológicas de conectividade social aliadas às de produção individual de conteúdo, com destaque aqui para a gravação e a disseminação de fotos e videologs, também propiciaram uma nova relação de poder, de conquista e de soberania. Um dos trabalhos do dossiê representativo dessa linha é uma pesquisa que investiga a adaptação e a difusão de imagens relacionadas ao caso da jovem Neda Agha-Soltan, assassinada no Irã em 2009. A circulação das imagens e os significados que elas adquirem nos contextos por onde circulam exemplifica esta relação entre o simbólico e o tecnológico tanto em suas convergências quanto em suas tensões constitutivas.

O cinema, por sua vez, como campo de estudos, nos fornece uma das sintaxes possíveis para a descrição da paisagem digital. O primeiro cinema formulou sua linguagem imagética contra a paisagem da cidade moderna, seus processos, ritmos e topologia. Foi percorrendo esta paisagem que desenvolveu, com Griffith, a estrutura melodramática do cinema clássico e foi também como uma resposta às angústias da

vida no pós-guerra que abraçou o radicalismo formal da Nouvelle Vague pós-68 e os experimentalismos excêntricos dos cinemas periféricos, inclusive o barroquismo glauberiano do cinema novo brasileiro.

Com o avanço das novas tecnologias as formas narrativas deixaram de ser unicamente propriedade do cinema. Elas passaram pela televisão e chegaram até as novas maneiras de interpretar o mundo pela abrangência do digital. Esta edição da revista tem como foco compreender as novas narrativas alicerçadas em tecnologias digitais e como as ferramentas digitais estão ampliando e mudando a maneira de produzir e manipular pelas imagens.

Os textos apresentados neste dossiê sobre cinema problematizam essas questões entre tecnologias da imagem e formas narrativas (cinema e novos meios) . O cinema surgiu a partir de três tecnologias: a mecânica (para rodar as películas), a óptica (lentes) e a química (películas). O encontro da tecnologia com a arte no cinema sempre provocou debates acalorados. O artigo “Contar como uma vontade de arte antes que assombre uma vontade de tecnologia” chama a atenção para o novo mundo digital e sua ocupação desmedida de território. Há a preocupação com os excessos que podem trancafiar o indivíduo e sua liberdade. A robusta força tecnodigital não vê fronteiras e captura nossas sensibilidades através do controle e da submissão de Estados e nações (ver o filme “O dilema das redes”).

Esperamos que os leitores nos acompanhem nas reflexões que trazemos sobre estes temas e sua intersecção. Elas expõem uma mudança de horizontes. Um alargamento do olhar intelectual do específico para a amplidão de uma paisagem nova, mas marcada por elementos conhecidos. É um exercício de análise, mas acima de tudo um exercício de observação.

Os editores,

Prof. Dr. Daniel Christino

Prof. Dr. Lisandro Nogueira

Prof. Dr. Hugo Alexandre Dantas do Nascimento